

09-03-2022

ENTREGOU, DANÇOU!

Agnes Zoé Garal

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de clipping]



"Eu pedi ao meu motorista da Amazon para fazer uma dancinha antes de entregar meu pacote." (veja)

O trabalhador - "associado de entrega", no mais recente eufemismo para 'trabalhador ludibriado pelo necroliberalismo' - que aparece na foto, em posição de reverência, foi filmado por uma câmera de campanha após uma "dancinha de entrega" ao cliente americano da Amazon. O cliente, seguindo a nova "trend" do TikTok, postou o vídeo para concorrer a likes de postagens engraçadinhas.

Não vi a graça! Tenho amigos desempregados que precisaram recorrer ao trabalho como entregadores para sobrevivência e se submetem a regimes de trabalho intensos e salários escorchantes.

Esses trabalhadores vêm sendo desrespeitados e discriminados mundo afora. No Brasil, movimentos como o [breque dos aplicativos](#), de julho de 2020, revelaram SITUAÇÕES INDIGNAS!

Constranger entregadores tornou-se joiinha, viralizou... e os clientes da Amazon passaram a avaliar os entregadores também pelas suas dancinhas... Gargalhar de trabalhadores, frequentemente exaustos, tornou-se uma diversão. Encurrular ainda mais os que já não têm saída é agora uma comédia... O assédio moral de entregadores (veja) é o novo normal... O ser humano está desumano.

A Amazon e suas congêneres como Uber, IFood, Rappi alegam que não obrigam os entregadores a atenderem esses pedidos dos clientes. O Tik Tok quer bombar com os likes. Os produtores e vendedores de campanhas com câmeras querem lucrar com o aumento das vendas. Qual será a atrocidade da próxima vez em troca do prazer fútil dos que não sabem o que é trabalhar para sobreviver?

Qual a será a rede social joiinha da hora? A que alberga site nazista, a que adula fascistas, a que propala riscos da vacina, espalha falhas fakes das urnas eletrônicas, a que ensina a ficar milionário com pirâmides financeiras...?

As agruras dos entregadores por aplicativos começaram a despertar o interesse da sociedade em 2019 com o filme "Você não estava aqui", de Ken Loach (veja). Ambientado na Inglaterra, registra o percurso de um trabalhador britânico que decide "ser patrão de si mesmo", compra uma van e passa a trabalhar em regime de "pejotização" para uma mega empresa de entregas.

Em pouco tempo, sob o 'chicote' dos ritmos acelerados nas mãos do 'feitor', a serviço do patrão de fato, percebe que caiu no engodo.

Cada vez mais distante da sonhada liberdade e melhores condições de trabalho, cumpre jornadas de mais de 12 horas, é humilhado pelos clientes, chefia, colegas e sente-se incapaz de lidar com a desestruturação das relações familiares... Seu desespero progressivo despertou empatia e comoveu plateias... ..

A crueldade explícita da escravização contemporânea 'naturalizada' as cadeias produtivas globalizadas, mostrada na ficção, impressionou. Porque é REAL! Tão real quanto a pandemia e suas 'novas' tecnocoisas: lives sociais, de trabalho, bailados, shows musicais, teatrais, filmes... Sem plateia, a saga dos entregadores se aprofundou e se agravou, de modo lastimável... Existem hoje cerca de 1,4 milhão de trabalhadores por aplicativos deslocando-se continuamente, em geral, no trânsito das cidades de grande e médio porte.

Cerca de 30 a 40 mil pessoas morrem por ano em acidentes de trânsito e cerca de 200 a 300 mil sobrevivem com incapacidades permanentes para o trabalho (veja, p.130)... Muitos, um dia, foram entregadores de aplicativos.... Pesquisa da CUT/OIT, divulgada em dezembro/2021, revelou que "a maioria dos entregadores (homens negros ou pardos de até 30 anos) de aplicativos recebe em média 1.172 reais" em jornadas diárias que podem chegar a 18 horas. Arcam com as despesas de combustível e de manutenção de seus veículos (motocicletas, carros, bicicletas). Não dispõem de banheiros, refeitórios, espaços de descanso; quando precisam, dependem de favor do comércio próximo e muitas vezes são discriminados (veja). Recentemente, os "associados de entregas" contratados por adesão às plataformas de aplicativos, após muita organização, paralisações e manifestações, conquistaram proteção provisória durante a pandemia para afastamentos por covid, acidentes, invalidez permanente ou temporária e morte. O Brasil é o segundo país em usuários do Tik Tok (cerca de 4,72 milhões). Há aproximadamente 148 milhões de brasileiros no Facebook, 120 milhões no Whatsapp e 114 milhões no Instagram (veja). Ou seja, em torno de dois terços da população brasileira utilizam alguma dessas redes sociais, por vezes duas ou mais, mostrando que o potencial de viralização de posts entre nós é bastante alto. Antes que a trend da dancinha viralize por aqui - se já não o fez - é preciso dar um basta.

HÁ QUE SE TER DIGNIDADE NO TRABALHO!

Vamos 'brincar' de ter empatia pelo trabalhador? Vamos nos colocar no lugar do trabalhador? Ficariam tristes, deprimidos em perderem 'patrocínios' por dançar muito mal e não receberem likes suficientes?

Já imaginaram como se sentiriam fazendo dancinhas lembrando de seu bebê internado? De sua família com fome porque seu salário termina em 10 dias? Sentiram as dores por fazer dancinhas com o corpo exausto e já dolorido? Vamos ver como essas dancinhas podem também adoecer o corpo dos trabalhadores? Que partes de seu corpo desenvolveriam dores e, após algum tempo, DORT [doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho] praticando essas dancinhas sob pressão?

- funk: coluna, quadril, coxas
- frevo: joelhos, coxas, coluna, quadril
- samba: quadril
- coreografias tiktok: quadril, joelhos, coluna, coxas, ombros, braços

'Brincar' de empatia para com os trabalhadores vale também para os que investem horas de seu cotidiano nas redes sociais alimentando a ciranda de lucros de seus empresários. Ciranda que vive de likes de usuários na venda de produtos comercializados por Jeff Bezos et caterva com suas selfies e cotações de ações. Até quando nos deixaremos usar pelos que querem nos explorar? Que tal pressionar as redes sociais a promover joiinhas aos trabalhadores, todos essenciais ao caminhar a vida com dignidade e o nosso respeito? Que tal fazer disto a próxima trend?

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.